

ESTADO DE SÃO PAULO
25 AGO 1992

O peso do Exterior

Dívida externa

O Brasil, em certa época o maior receptor de investimentos externos no Terceiro Mundo, é hoje considerado um país de altíssimo risco, o que levou o tradicional *The Times* a pedir a renúncia do presidente Collor. Efetivamente, o nosso primeiro mandatário não apenas perdeu a confiança da Nação, como é também, hoje, a principal causa do descrédito do Brasil no Exterior.

Ao ativo do ministro Márcio Marques Moreira se havia acrescido a façanha de ter resolvido o problema da dívida externa brasileira com a assinatura do crédito stand by com o FMI, o fechamento de um acordo com o Clube de Paris e, recentemente, a conclusão da renegociação com os bancos credores. Mas, de repente, verifica-se, e não por culpa do operoso ministro, que do tão esplendoroso edifício resta apenas a fachada. Do acordo com o FMI, conseguimos ape-

nas sacar a primeira parcela e, nestes dias, nossas autoridades monetárias estão incapacitadas de enviar uma missão a Washington para acertar com o organismo internacional as metas do segundo semestre. De acordo com triste tradição, tudo indica que ficaremos na contingência de negociar com o FMI um novo crédito stand by, demonstrando, assim, que entre os grandes devedores somos o único a não conseguir levar avante um programa de ajuste de nossa economia, mergulhados que estamos na inflação que acompanha a recessão.

Estamos às vésperas de receber o "term sheet" do acordo com os bancos credores. Este será certamente aprovado pelo Senado, por ser efetivamente favorável ao Brasil. No entanto, corremos o sério risco de não conseguir a aprovação dessas instituições que, desconfiando da capacidade do Brasil de concluir seu programa, na

melhor das hipóteses exigirão meses para saber se podem aceitar o esquema acordado entre o País e seus representantes agrupados no Comitê de Assessoramento.

Não se deve estranhar, portanto, que os títulos da dívida externa brasileira no mercado secundário estejam desmoronando, mesmo depois de se ter chegado a um acordo com o comitê dos bancos. Não se trata de uma flutuação, mas de uma queda contínua que mostra claramente que não se confia na recuperação brasileira nesta fase de crise política. Quando os reputados analistas do mercado internacional consideram que o Brasil é hoje um dos países de maior risco, não devem causar espécie as dificuldades que começamos a enfrentar para captar recursos no Exterior, e isso apesar das grandes vantagens que estamos oferecendo aos investidores estrangeiros.

As autoridades monetárias brasileiras entendem que a redução das entradas líquidas de divisas não afetarão nossas reservas de maneira preocupante e estamos até em condição de oferecer as garantias requeridas pelo acordo com os bancos, utilizando nossas reservas sem ter de recorrer aos organismos internacionais. O fato é que as entradas líquidas de divisas (segundo dados divulgados pelo Banco Central), que haviam atingido US\$ 2,924 bilhões em março, vêm decrescendo a partir desse mês, tendo somado em julho apenas US\$ 1,466 bilhão, ao que se acrescentará nova queda em agosto. Não se pode esquecer que vivemos hoje apenas de "hot money", além do que muitas operações não serão renovadas nas condições anteriores. A questão é saber se a comunidade financeira internacional desconfia do Brasil ou do seu presidente...